

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

NILTON LUCAS SILVA CAPELA

**A contribuição do Museu de Arqueologia de Xingó - MAX para o ensino de História no
município de Canindé de São Francisco – SE**

Delmiro Gouveia- AL
2023

NILTON LUCAS SILVA CAPELA

A contribuição do Museu de Arqueologia de Xingó - MAX para o ensino de História no município de Canindé de São Francisco – SE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em História, pela Universidade Federal de Alagoas/Campus do Sertão.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Abelardo de Santana

Delmiro Gouveia- AL

2023

Folha de aprovação

NILTON LUCAS SILVA CAPELA

A contribuição do Museu de Arqueologia de Xingó - MAX para o ensino de História no município de Canindé de São Francisco – SE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao corpo docente de História da UFAL, Campus do Sertão, aprovado em 03 de março de 2023.

Banca examinadora:

Pedro Abelardo de Santana

Prof. Dr. Pedro Abelardo de Santana, orientador, UFAL



Documento assinado digitalmente

FLAVIO AUGUSTO DE AGUIAR MORAES

Data: 05/04/2023 20:22:04-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Flávio Augusto de Aguiar Moraes, examinador 1, UFAL



Documento assinado digitalmente

JOSE APARECIDO MOURA DE BRITO

Data: 12/04/2023 17:23:30-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Me. José Aparecido Moura de Brito, examinador 2, UFS

RESUMO

Esse artigo realizou uma análise sobre a contribuição da presença do Museu Max no ensino prático de história na educação básica de Canindé de São Francisco – SE, considerando que a relação museu/escola trata-se de uma parceria de educação entre essas instituições que visa trabalhar a educação formal e não formal com os estudantes, a partir desta concepção. A metodologia utilizada foi uma pesquisa qualitativa quantitativa com as seguintes etapas, a primeira consiste na aplicação de um questionário aos alunos do ensino fundamental, a segunda em uma entrevista com os professores da rede municipal e, a terceira, na análise e aplicação dos dados coletados. A partir dessa pesquisa espera-se entender a forma que o Museu de Arqueologia de Xingó- MAX contribui na educação do município de Canindé de São Francisco.

Palavras-chave: museologia; educação museal; museu de arqueologia de Xingó-MAX.

ABSTRACT

The main objective of this article is to carry out an analysis of the contribution of the presence of the Max Museum in the practical teaching of history in basic education in Canindé de São Francisco - SE, considering that the museum/school relationship is an education partnership between these institutions that aim to work formal and non-formal education with students, based on this conception. The methodology used was a quantitative and qualitative research with the following steps, the first consists of applying a questionnaire to basic education students, the second in an interview with teachers from the municipal network and, the third, in the analysis and application of data collected. From this research it is expected to understand the way that the Museum of Archeology of Xingó-MAX contributes to the formal education of the municipality of Canindé de São Francisco.

Keywords: Museology; Archeology; Museum education; Sergipe.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem I - Foto do Museu de Arqueologia de Xingó – MAX	13
Imagem II - Foto da Escola Municipal Maria do Carmo do Nascimento Alves	16
Imagem III - Foto da Escola Municipal Antônio dos Santos	16
I. Imagem IV – Sala de material cerâmico	26
II. Imagem V- Sala de material de sepultamento	26
III. Imagem VI – Sala de material Lítico	27
I. Imagem VII – Exposição itinerante do Museu Max na Associação de desenvolvimento Comunitário de Curitiba Presidente José Alves de Aragão entre os dias 14 a 19 de dez. de 2016	27
II. Imagem VIII — Exposição itinerante do Museu Max na Associação de desenvolvimento Comunitário de Curitiba Presidente José Alves de Aragão entre os dias 14 a 19 de dez. de 2016	28

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. OS MUSEUS COMO AMBIENTES PARA A PRÁTICA EDUCATIVA	10
2. MUSEU DE ARQUEOLOGIA DE XINGÓ: EDUCAÇÃO MUSEAL NO AMBIENTE ESCOLAR EM CANINDÉ DO SÃO FRANCISCO.....	13
3. COMO ESTUDANTES, PROFESSORES E GESTORES ENXERGAM A CONTRIBUIÇÃO DO MAX	16
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS	22
ANEXO A- EXPOSIÇÕES PERMANENTES NO MUSEU DE ARQUEOLOGIA DE XINGO -MAX	
26	
ANEXO B- EXPOSIÇÕES ITINERANTES DESENVOLVIDAS PELO MUSEU DE ARQUEOLOGIA DE XINGO- MAX.....	27

INTRODUÇÃO

O Museu de Arqueologia de Xingó – MAX, criado no ano 2000, é um órgão suplementar da Universidade Federal de Sergipe, situado no município de Canindé de São Francisco e com unidade administrativa no campus UFS, no município de São Cristóvão, ambos no estado de Sergipe. A criação do Museu de Arqueologia de Xingó se deu graças à estratégia de manutenção das atividades de pesquisa arqueológica na área do baixo São Francisco, nascendo a partir dos vestígios arqueológicos recuperados durante o PAX, na região em que seria instalada a Usina Hidrelétrica de Xingó. O seu prédio foi construído a partir de um convênio entre a CHESF e PETROBRÁS e foi tombado enquanto Patrimônio Cultural do Município de Canindé de São Francisco, por meio da Lei Municipal Nº 208, em 27 de março de 2008. (XINGÓ, 2022)

Além dos vestígios arqueológicos, o museu é responsável pela preservação e organização do acervo documental proveniente do Projeto Arqueológico de Xingó - PAX, e dos documentos gerados no início da pesquisa arqueológica do Estado. Na tutela do MAX, também, existe uma grande coleção de documentos referentes à luta da causa indígena no estado de Sergipe.

O MAX desempenha uma função social oferecendo incentivo e apoio a pesquisa e a educação, já tendo servido de apoio para um curso de mestrado das UFS, promovido diversos eventos voltados para a Ação educativa, além de divulgar vários artigos de pesquisadores sobre arqueologia e assuntos afins. O museu também promoveu três exposições de curta duração, entre 2006 e 2007, permitindo até a vinda de uma réplica do crânio do Homo sapiens mais antigo encontrado nas Américas – apelidado de Luzia. (XINGÓ, 2022)

Atualmente a gestão do museu mantém o foco na disseminação do conhecimento arqueológico, na ampliação da educação patrimônio cultural e na realização de pesquisas arqueológicas registradas no MAX, sendo seu principal meio de obter recursos, a concessão de endossos institucionais às pesquisas realizadas na região e a cobrança de ingressos para visitação. (XINGÓ, 2022)

Embora o MAX desempenhe essas funções sociais de incentivo a educação e a cultura além da escola, ele também possui um papel importante dentro do ambiente de educação formal, auxiliando os professores e instituições na abordagem de ensino histórico, pré-histórico, patrimonial e cultural, sendo necessário, para isso, que haja um plano pedagógico que trabalhe o Museu em sala de aula, o retirando de um espaço imaginário de apenas lugar de lazer. (XINGÓ, 2022)

Segundo a LDB, Lei de Diretrizes e Bases, que conduz as normas de educação no Brasil é recomendado que haja a interligação entre educação patrimonial, cultural, cidadania e a educação escolar, sendo assim, o MAX se faz de grande importância para a articulação da educação básica do município de Canindé de São Francisco- SE como uma grande fonte de conhecimento ligado de várias formas a história e a memória. (XINGÓ, 2022)

Desse modo para que haja uma parceria entre o museu e a escola que seja apropriada para as duas instituições é necessário pensar em metodologias que respeitem as suas singularidades e que se complementem visando a aprendizagem dos estudantes, podendo-se trabalhar a educação de uma forma lúdica e interativa, aumentando a vontade e a curiosidade do visitante fazer parte daquele ambiente.

Pensando mais especificamente para a disciplina de História, o museu tende a fazer com que o estudante consiga se sentir mais presente na história ensinada em sala de aula, tendo contato “direto” com objetos e lugares. Embora, seja, comum que vários professores levem seus alunos para conhecer esses ambientes, com o intuito que eles possam consumir da educação ali trabalhada, também se nota que alguns desses educadores não elaboram um plano pedagógico que possam auxiliar os alunos a fazerem uma reflexão no que lhes foi apresentado, deixando assim os alunos dispersos e transformando a visita em apenas um momento de descontração com os colegas.

E é partir dessa informação que se percebe a necessidade de constatar como se configura a relação museu/escola no município de Canindé de São Francisco, e avaliar as possíveis formas de aprimorar essa relação, caso necessário. Para isso, será analisado a contribuição da presença do Museu Max no ensino prático de história na educação básica desse município. Para isso a metodologia utilizada será uma pesquisa quantitativa e qualitativa que ocorrerá em três etapas, com o intuito de identificar os possíveis problemas e soluções que possam auxiliar na interação do Museu de Arqueologia de Xingó- MAX com a educação formal do município.

Primeiramente foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre a relação museu/escola, destacando o ensino de história. Seguida por uma pesquisa de campo no Museu MAX sobre as estatísticas de frequências e exposições que auxiliam na compreensão dessa relação. E uma pesquisa de campos em algumas escolas da cidade de Canindé de São Francisco- SE, na qual, foi aplicado um questionário aos alunos e educadores da educação básica com intuito de captar tanto as impressões sobre o museu, como a forma que essa experiência é trabalhada na educação formal.

Através dessas etapas de pesquisa espera-se entender a forma que o Museu de Arqueologia de Xingó- MAX contribuiu e contribui na educação formal do município de

Canindé de São Francisco, almejando conseguir relatos e documentos que evidenciem atividades e/ou projetos no ambiente escolar que sejam derivados do conhecimento adquirido no museu.

1. OS MUSEUS COMO AMBIENTES PARA A PRÁTICA EDUCATIVA

Os museus são espaços responsáveis por guardar e preservar a memória do povo. Na Grécia antiga já existiam espaços que remetem aos museus, as casas das musas¹, que eram espaços mais semelhantes a templos e instituições de pesquisas. Já na Idade Média a ideia de museu é apresentada como um lugar de colecionados, no qual, pessoas da nobreza e instituições poderosas guardavam objetos de valor em espaços privados para estudo ou contemplação (COELHO, 2009).

Segundo Coelho (2009), o primeiro museu público europeu que se tem notícias surgiu em 1683, o museu de Oxford, porém seu acesso era restrito a especialistas e universitários, e só em 1793 com a inauguração do Museu do Louvre houve um museu aberto ao público, que tinha o objetivo de educar a nação francesa sobre os valores do classicismo. A utilização do museu como educador na Europa se deu depois da Revolução Francesa de 1789 que estimulou nos franceses o sentimento nacionalista e a ideia de valorização do patrimônio cultural.

O museu como um espaço de educação já se fazia presente no século XVIII como um grande aliado na educação da sociedade, sua função de educar está relacionada a forma de comunicação abordada por cada instituição museológica, podendo existir diversas formas do museu trabalhar o seu conteúdo com os visitantes, segundo Reis (2005):

Essa função educativa está intimamente relacionada à forma como o museu se comunica com o público, como apresenta seus objetos. Neste sentido, essa discussão reflete a necessidade de se atender a uma nova relação do público com os objetos, tendo em vista que o museu se constrói com base nas diferentes perspectivas de “ver o objeto”, de acordo com o movimento de cada sociedade em diferentes momentos históricos (REIS, 2005, p.08).

É importante entender a forma que o museu apresenta os seus conteúdos, contextualizando espaço e tempo para se compreender a ação social e cultural de cada objeto, que é ressignificado nesse espaço, deixando de ser utilizado como sua função de criação para se tornar um objeto de observação e de estudo, se fazendo necessário, também, que o museu como espaço educador analise para qual público está sendo destinado, e quais os objetivos buscados.

¹ Filhas do deus Zeus com Mnemósine, a divindade da memória.

Entre o público que busca o museu como instrumento educativo, destacam-se as escolas, que buscam nesses espaços uma complementação na sua metodologia de ensino, criando-se uma relação social entre essas instituições. A partir das ideias de Bruno (2014) entende-se que a escola se caracteriza como um espaço de educação formal e o museu a educação não formal, no qual o museu é visto como aliado da escola, possibilitando uma experiência diferente aos estudantes que através do museu conseguem ter contato direto com o objeto de estudo.

A educação formal e a educação não formal fazem parte de uma trilogia de modalidades educativas que tiveram uma crescente visibilidade a partir do século XX (BRUNO, 2014). Essa trilogia ainda é composta pela educação informal, segundo Bruno uma forma simplista de definir essa trilogia é a partir das ideias de Trilla-Bernet, que “associa a educação formal ao ensino regular, a não formal a todos os processos educativos estruturados e intencionais que ocorrem fora da escola e a informal às aprendizagens realizadas em contextos de socialização (família, amigos, comunidade)” (TRILLA-BERNET, 2003 *apud* BRUNO, 2014, p. 12).

Entende-se que a instituição escolar se enquadra como um espaço de educação formal devido estar sujeita à pedagogia, seguindo métodos e regras, para criar situações selecionadas para os exercícios, além de ter pessoas especializadas para essa situação, como instituição, professor e aluno, vale ressaltar, também, que a metodologia pode variar de acordo com a região levando em conta as suas necessidades. E a instituição museu se enquadra como educação não formal por estar ligada a contextos de maior curiosidade, o que fica mais claro ao analisar a definição de educação não formal realizada por Bruno:

Na educação não formal a finalidade consiste em abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos, bem como das relações sociais que este estabelece. Neste sentido capacita-os para se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Aqui os objetivos não são dados previamente, constroem-se na interação, gerando um processo educativo, voltado para e a partir dos interesses e necessidades de quem participa. A educação não formal não é organizada por níveis, idades ou conteúdos e pode atuar sobre aspectos subjetivos de um grupo (cultura política, laços de pertença, identidade coletiva, processos de cidadania coletiva e pública do grupo (BRUNO, 2014, p.13-14)

Essa definição de modo educacional se enquadra com a forma de ensino/aprendizagem que está presente nos museus, na qual, o aprendizado pode ser feito a partir de uma visita guiada, mas também pode ocorrer de forma livre e espontânea. Coelho (2009) afirma que seus impactos educacionais não ocorrem de forma única e nem homogênea.

Os museus, como, espaço de educação não deixam de lado a sua responsabilidade como instituição de preservação da memória, mas acrescentam às suas responsabilidades a importância de promover momentos de debates para disseminar conhecimentos nos vários tipos de públicos. Segundo Reis (2015), o ICOM (Comitê Internacional de Museus) criado em 1947

apresenta uma definição de museu considerada a base para uma construção dos institutos museais, que amplia a ideia das suas coleções e as interpretações sobre o museu, ocorrendo uma democratização desses espaços, no qual, é responsável por estreitar os laços entre escolas e museus, como se pode analisar a partir de Reis:

Como consequência dessa democratização, as escolas começam a procurar com mais frequência os museus visando a uma possível complementação. Esse movimento já vinha ocorrendo nos Estados Unidos e na Europa com os museus de História Natural e de Ciência e Tecnologia nas primeiras décadas do século XX. Sobre o Brasil, Lopes (1993) e Valente (2003) dizem que o Museu Nacional já realizava atividades complementares à escola desde 1919 (REIS, 2005, p.15).

A parceria entre museu e escola é bastante benéfica para os alunos tendo vista a necessidade de diversificar a forma de ensino, e levando em consideração como o museu aproxima os alunos do que é estudado, principalmente, no caso do ensino de história, no qual os alunos conseguem ver objetos das épocas estudadas, aumentando sua curiosidade sobre o seu funcionamento e a sua função histórica.

Jorge e Nascimento (2021) exemplificam como os alunos tem cuidado com objetos que remetem ao seu passado e da sua família, através de uma experiência, na qual, os professores solicitam que os alunos levem para a sala de aula pertences familiares que remetam ao passado, sendo levados: fotos, dinheiro antigo e até objetos que não são mais utilizados, e a partir dessa experiência os alunos levantam questionamento sobre a importância desses objetos na história e a sua preservação. Jorge e Nascimento (2021), utilizam esse exemplo como forma de afirmar que o estudo da memória em museus pode ser bem mais produtivo do que em sala de aula, considerando a quantidade de objetos e material disponível nesses espaços. A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) diz que:

Para se pensar o ensino de História, é fundamental considerar a utilização de diferentes fontes e tipos de documento (escritos, iconográficos, materiais, imateriais) capazes de facilitar a compreensão da relação tempo e espaço e das relações sociais que os geraram. (BRASIL, 2018, p.398)

Para obter a aprendizagem a partir desse material é necessário que haja algumas etapas metodológicas, são elas: 1- identificação; 2- Comparação; 3- Interpretação e 4- Análise. O uso do museu como aliado da educação escolar, não deve ocorrer de forma solta, ou seja, as visitas não devem ser apenas um momento lazer, mas buscar através dessas etapas metodológicas estimular o interesse de estudantes para que esses possam “construírem suas próprias observações, interrogações, especulações, indagações, explicações e sínteses para questões históricas” (BRASIL, 1998, p 90). E para que isso ocorra, também, é preciso que haja uma

relação entre o museu e o professor, na qual, o professor deve promover metodologias para que sua aula não fuja ao conteúdo do museu, e o museu deve estar preparado para receber esse professor.

Para que isso ocorra o ideal é que o professor realize um estudo do meio antes de promover essa interação com os estudantes, ou até mesmo, trabalhe essa ideia com os próprios, analisando o museu como todo, não apenas o seu conteúdo material, mas a sua importância social e histórica e, também, que faça uma análise do conteúdo que será trabalhado nas exposições, evitando assim, que os alunos estejam em exposições que não iram colaborar naquele momento com os assuntos trabalhados em sala de aula, evitando que a visita acabe sendo vista apenas como um momento de lazer.

Apesar dos benefícios da parceria entre escola e museu é necessário entender que “museu e escola são universos particulares, onde as relações sociais se processam de forma diferenciada, cada um com uma lógica própria” (MARANDINO, 2001, p. 88) e que essa parceria não deve ocorrer de forma subordinada, o museu não deve ser subordinado as escolas, devem ser manter como espaços abertos para a sociedade, disponibilizando momentos de conhecimento e lazer, aguçando e promovendo momentos de críticas sociais. Sendo assim, necessário que haja compreensão e respeito entre as instituições para que consigam trabalhar juntas, tendo em vista a necessidade de diversificar o ensino para melhor atender os alunos.

2. MUSEU DE ARQUEOLOGIA DE XINGÓ: EDUCAÇÃO MUSEAL NO AMBIENTE ESCOLAR EM CANINDÉ DO SÃO FRANCISCO

Imagem I - Foto do Museu de Arqueologia de Xingó – MAX



Fonte: Acervo Pessoal

O Museu de Arqueologia de Xingó - MAX foi criado com o intuito de estudar, preservar e divulgar conhecimento sobre a pré-história, especialmente a partir dos registros encontrados no Baixo São Francisco. O museu possui duas áreas principais: A unidade museológica e a unidade de pesquisa.

Na unidade museológica há uma exposição permanente que conta um pouco sobre os povos pré-históricos da região, sendo dividida em tópicos, registros rupestres, material lítico, material cerâmico e material de sepultamentos, principalmente vindos do sítio arqueológico Justino. Contendo ainda um auditório, para exposições audiovisuais e uma área para exposições temporárias.

Na unidade de pesquisa são desenvolvidos estudos arqueológicos em diversas linhas, segundo a UFS (2022), o MAX continua realizando atividades do projeto “Do sertão para o mar: A fluidez de pessoas, ideias e estilos tecnológicos na história das populações ceramistas do Baixo São Francisco (AL-SE)”, coordenado pelos professores Fernando Ozorio de Almeida e Daniela Klökler, além de um projeto de escavação arqueológica na Fazenda Mundo Novo e análise dos artefatos da reserva técnica do Max. O site Guia das artes (2022), destaca algumas linhas de pesquisa do museu, são elas: “O São Francisco e seu povoamento pré-histórico”, “A representação gráfica em Xingó”, “Os sítios arqueológicos”, “Os animais pré-históricos da região de Xingó”, destacando que os resultados dessas pesquisas são expostos na unidade museológica.

O MAX conta com uma equipe de monitores preparados para transmitir o conhecimento através de estratégias que facilitem o aprendizado e consigam passar os valores patrimoniais e culturais pré-históricos e contemporâneos para os visitantes, essa equipe conta com pedagogos, assistentes sociais, historiadores, condutores de turismo e arqueólogos que realizam oficinas, cursos e exposições itinerantes, baseadas em metodologias que trabalham a ludicidade e a criatividade, especialmente pensadas em promover sociabilidade através da educação.

Nesse contexto, Railda Nascimento da Silva² (2022), destacou algumas ações realizadas pelo museu, são elas: oficinas de lascamento, oficinas de confecção de vasilhas em barro, pinturas em tecido e em azulejo, apresentações culturais, destaca, também, os projetos “O museu vai a escola, a escola vai ao museu” e “Férias Arqueológicas” que possibilitavam os estudantes da UFS realizarem uma semana de visita a sítios arqueológicos em escavação, sítios gráficos, atividades em laboratórios, além das visitas nas exposições permanentes e temporárias na unidade museológica. Ela ainda destaca a Exposição Itinerante, que levava a vários lugares

² Mestre em Geografia-NPGEO-UFS; Arqueóloga; Especialista em Planejamento do Turismo-DTUR-UFS; Coordenadora de exposição do MAX (novembro/2006 a julho/2021)

do país uma mostra iterativa dos aspectos culturais e simbólicos dos grupos humanos que habitaram a região arqueológica denominada de Xingó, que tinha por objetivo expandir as pesquisas e seus resultados para a comunidade não estudantil e confirmar que um museu, independentemente de seu formato e abordagem temática, pode auxiliar na apreensão do conhecimento através de processos educacionais não formais.

Railda (2022) ainda destaca que, a partir de 2017, o museu ampliou suas ações educativas para as localidades mais próximas da sua unidade envolvendo educadores, alunos e visitantes em geral nas riquezas do MAX, fazendo com que esse patrimônio se tornasse parte da história dessas pessoas e ressignificando o seu lugar de existência.

O MAX está constantemente promovendo ações que instiguem a curiosidade e a participação da comunidade no seu acervo, além da sua exposição permanente que recebe inúmeras visitas, tendo entre o ano de 2016 a 2018 recebido 739 escolas visitantes, sendo 473 instituições públicas e 266 instituições particulares, escolas de vários lugares do Nordeste, como Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Ceará, Bahia, Rio Grande do Norte e Paraíba.³

No ano de 2020, o museu precisou suspender suas atividades de exposições devido ao avanço do covid-19, voltando apenas no dia 21 de outubro de 2021, com visitas limitadas a 40 minutos e a grupos de até oito pessoas por monitor, antes esse número era de 25. Nesse tempo de pandemia, o MAX deu continuidade ao seu trabalho de preservação dos artefatos e as suas pesquisas, participou de reuniões e eventos que contribuíram educativamente, como algumas *lives* em parceria com o projeto PROARQ na Pandemia, e na TV Opará, além, da realização do projeto “De Volta ao MAX” que consistia na realização de passeios virtuais pelo museu, de tal modo, que os alunos continuassem a ter acesso ao material exposto mesmo em época de pandemia.

No ano de 2022, conforme acontece a normalização de atividades paradas devido a Covid-19, o MAX recebeu entre maio e outubro, a visita de 115 escolas, totalizando o atendimento presencial a 4.744 estudantes,⁴ e ainda permanecendo com o projeto de visitas virtuais ao acervo permanente do museu, o que abre grandes oportunidades para as pessoas que não teriam como se transportar até o local.

O MAX é referência nacional na pesquisa arqueológica e já foi responsável pela editoração da revista **Canindé**, com 12 números publicados até 2008, oferecendo artigos distintos e a possibilidade de interação entre diversas áreas do conhecimento arqueológico. A

³ Informação coletada a partir das fichas escolares encontradas no Museu de Arqueologia de Xingo- MAX.

⁴ Informação coletada a partir das fichas escolares encontradas no Museu de Arqueologia de Xingo- MAX.

revista abria espaço para aqueles que buscavam divulgar seus trabalhos, relatórios de investigações e resenhas de livros.

3. COMO ESTUDANTES, PROFESSORES E GESTORES ENXERGAM A CONTRIBUIÇÃO DO MAX

Os dados utilizados nessa pesquisa foram coletados em duas escolas do município de Canindé de São Francisco, a Escola Municipal Maria do Carmo Nascimento Alves (Imagem II) e a Escola Municipal Antônio Alexandre dos Santos (Imagem III).

Imagem II - Foto da Escola Municipal Maria do Carmo do Nascimento Alves



Fonte: Acervo Pessoal, 2023

Imagem III - Foto da Escola Municipal Antônio dos Santos



Fonte: Acervo Pessoal, 2023

Foram realizados questionários com professores, gestores (diretores e coordenadores) e alunos do ensino fundamental I e ensino fundamental II com o objetivo de analisar como se dá a relação do Museu MAX com a educação básica do município.

No questionário aplicado aos professores foram realizadas as seguintes perguntas: 1 - Qual o seu nome? 2 - Qual a sua formação? 3 - Em que escola você trabalha? 4 - Há quanto tempo leciona? 5 - Turmas que você leciona? 6 - Você já levou seus alunos ao Museu de Arqueologia de Xingó - MAX? Caso a resposta seja SIM, quando você os levou? 7 - Qual ou quais turmas você levou? 8 - Qual foi a sua intenção em levar seus alunos ao MAX? 9 - Como o museu pode contribuir para o seu trabalho em sala de aula? 10 - Após a visita foi realizado algum trabalho com os alunos referente ao museu? 11 - Em sua opinião, as escolas estão trabalhando a valorização da arte e da cultura como um conhecimento importante? 12 - Como o museu pode auxiliar na construção de conhecimentos multidisciplinares? 13 - Como aproveitar a atividade desenvolvida no museu em sala de aula?

As perguntas de número 1, 2, 3 e 4 apresentam um perfil sobre esses professores, a professora 01, professor 03 e professor 4 lecionam a disciplina de História, enquanto a professora 02 leciona a disciplina de Educação Física. Todas lecionam há mais de vinte anos, exceto o professor 03 que leciona há apenas a um ano no fundamental I e os outros no fundamental II.

A partir da pergunta de número 6 pode se analisar a relação desses professores com o Museu MAX, todos os professores disseram ter levados alunos ao museu, a professora 01 levou alunos do 6º ano em agosto de 2022, a professora 02 levou alunos do 7º ano no dia 07 de outubro, a professora 03 levou alunos do 6º ano em 2019 e o professor 04 levou alunos do 5º ano, mas não identificou a data. Sobre a intenção de levar os alunos para a visita, os professores responderam: professora 01: “A minha intenção foi levar o meu aluno a reconhecer o museu como espaço para a descoberta de novos conhecimentos de forma concreta”; a professora 02 “Fazê-los conhecer melhor a nossa Pré-história, e ver de perto os fósseis”; a professora 03 “Ver e conhecer um pouco da história dos nossos antepassados” e o professor 04 “Conhecimento”. A partir disso pode se observar que os professores enxergam o museu como um espaço de conhecimento e buscaram passar isso para os seus alunos.

Sobre a contribuição do museu para o trabalho realizado em sala de aula a professora 01 diz “O museu é por excelência um local de observação, interação e reflexão. Diversas histórias são ali contadas, de outras épocas, outros povos, diferentes maneiras de agir e pensar. É um lugar simbólico que oferece experiências educativas e divertidas. Uma visita pode ser muito estimulante para as crianças”. A professora 02 diz “O museu exerce papel

fundamental, pois possibilita à pesquisa a partir da História e da conservação de objetos, como fonte de conhecimentos e descobertas e assim contribuindo para o trabalho em sala de aula”. A professora 03 fala que “Trazer aos alunos a história e conhecimento e assim passar um trabalho para eles sobre o que eles viram ou ouviram no museu.” E o professor 04 diz “Com as explicações e visualização dos fósseis, vestígios e história”. Com base nesses relatos pode se observar que os professores 01 e 02 enxergam a contribuição do museu de uma forma mais ampla, indo além do que se pode ser trabalhado em sala de aula, enquanto os professores 03 e 04 trazem o museu como uma ferramenta a ser trabalhado junto com o conteúdo de sala de aula.

Todos os professores e professoras afirmam terem trabalhado os assuntos aprendidos no museu em sala de aula, levando questionários para serem discutidos e respondidos com os alunos. Em relação a forma que o museu pode auxiliar na construção de conhecimento multidisciplinar, a professora 01 disse “O museu é um espaço de aprendizagem onde variadas formas de expressão e informação estão à disposição dos seus visitantes. Para que o aproveitamento e o aprendizado efetivo ocorram, é necessária uma mediação e contextualização. Muito do que se ensina na sala de aula pode e deve ser lembrado durante a visita, onde a criança faz contato com novas experiências e desperta a vontade de conhecer mais a respeito”. A professora 02 respondeu que “Da forma como já atua, abrindo suas portas para receber os alunos e aprimorar os conhecimentos que foram adquiridos em sala de aula”. A professora 03 disse que “Através de um trabalho com o museu envolvendo todas as disciplinas”. O professor 04 “A história dos antepassados”. A cerca dessas falas pode se observar alguns pontos interessantes, por exemplo, o professor 04 limita a importância do museu a história dos antepassados, não trabalhando a ideia do museu como espaço de construção da história presente, enquanto os professores 02 e 03 enxergam o museu como uma ferramenta metodológica.

Em relação a forma de aproveitar as atividades desenvolvidas em sala de aula a professora 01 diz que “Busco destacar alguns conteúdos e procedimentos que podem ser explorados na disciplina escolar de história como forma de não apenas levar os alunos ao museu, mas também trazer as informações e aprendizagens da visita ao museu para a sala de aula de história. Ou seja, me interessa a vinculação das informações disponíveis no museu, das experiências vividas pelos alunos, das habilidades desenvolvidas com as atividades da sala de aula.” A professora 02 respondeu que “Promovendo debates e explicações sobre o conteúdo obtido”, a professora 03 diz que “Fazer um questionário para que eles respondam.” E o professor 04 fala que “Com atividades orais, escritas e debates”. Todos os professores

afirmam realizar atividades com os estudantes após as visitas, porém a partir das respostas dos/as professores 02, 03 e 04 aparentemente a visita ao museu faz parte de um cronograma metodológico para um único assunto, não havendo um trabalho multidisciplinar com esses alunos.

No questionário aplicado aos gestores escolares as perguntas realizadas foram: 1 - Você incentiva os professores a levarem seus alunos ao Museu de Arqueologia de Xingó - MAX? Caso a resposta seja positiva, como? 2 - A escola já organizou passeios para o Museu Max? Quais turmas? 3 - Qual foi sua intenção em trazer seus alunos ao MAX? 4 - Após a visita foi realizado algum trabalho com os alunos referente ao Museu? 5 - Em sua opinião, as escolas estão trabalhando a valorização da arte e da cultura como um conhecimento importante? 6 - Como o museu pode auxiliar na construção de conhecimentos multidisciplinares? 7 - Como aproveitar a atividade desenvolvida no museu na metodologia de ensino escolar?

Na primeira questão o gestor 01 informou que “sim, através da parceria com a secretaria de educação nos ônibus da rota escolar”, o gestor 02 informou que “Sim, e as vezes os próprios professores nos procuram com essa proposta” e o gestor 03 informou que “Sim, divulgando a importância do conhecimento prático e a diversidade de informações existentes no MAX”. O ponto mais interessante dessas falas é constatar que existe uma parceria da escola com a secretaria de educação para utilizar ônibus da rota escolar para a realização de projetos fora da escola, como, a visita dos alunos ao Museu MAX.

Em relação a questão de a escola já ter organizado visitas ao museu MAX os gestores informaram que sim, já foram organizadas visitas da escola ao museu, com alunos do fundamental I e fundamental II. O gestor 01 afirma que a sua intenção era “para ampliar o conhecimento dos alunos com os assuntos trabalhados em sala de aula”. O gestor 02 diz que a sua intenção era “conhecer de forma pratica e lúdica a história das comunidades sergipanas e canindeense desde os primórdios.” E já o gestor 03 afirma que “Na verdade nunca levei alunos, apenas incentivo os professores a levar”. Todos os gestores afirmam que os professores realizam trabalhos com a turma depois da visita, como por exemplo, debates, roteiros, relatórios e desenhos, mas nenhum citou alguma atividade realizada de forma que envolvesse toda a escola. Como, também, ao serem perguntados a forma que o museu poderia auxiliar na construção de conhecimentos multidisciplinares nenhum informou uma forma de trabalhar os assuntos em várias disciplinas, abordando somente a possibilidade da visita como forma de auxílio. Como forma de aproveitamento dessas visitas na metodologia escolar o gestor 02 diz que “Enriquecendo a prática pedagógica do professor através das palestras e apresentação dos recursos e acervo à comunidade escolar.” Enquanto o gestor 03 fala de como essas visitas

resgatam o contexto histórico apresentado, e o gestor 01 apenas fala que o professor pode aproveitar em várias disciplinas.

A partir das respostas desses gestores educacionais percebe-se que apesar de haver um incentivo aos professores trabalharem o espaço do museu não há um projeto trazidos dos gestores para a escola ou para os professores que trabalhem o espaço do museu de forma multidisciplinar, abordando o espaço do museu como todo.

No questionário aplicado aos estudantes as perguntas realizadas foram: 1 - Você já visitou o Museu de Arqueologia de Xingó - MAX? 2 - Com quem você foi? 3 - Qual a sua impressão desse espaço? 4 - Você gostou? Sim ou Não, e por quê? 5 - O que mais chamou a sua atenção? 6 - Você aprendeu algo na visita? O que? 7 - Você realizou alguma atividade na escola sobre a sua visita? 8 - Você gostaria de ir mais vezes ao MAX? Por quê?

A pesquisa contou com 24 alunos/as, no qual, todos afirmaram já terem visitado o Museu MAX, com suas turmas escolares, apenas um desses alunos também realizou essa visita com um membro familiar como se pode observar no relato do aluno 04 “Com a professora Erilza, com outra professora de outra escola, com uma mulher que era dona de uma escolinha infantil e com minha vó”. Ao serem questionados sobre a sua impressão sobre o espaço os alunos afirmaram terem gostado bastante do espaço e destacaram a sua beleza e tamanho, como se pode analisar na resposta do aluno 05 “Minha impressão foi que ele tem muito espaço”. Alguns alunos do 7º ano também falaram sobre o fato de acharem que teriam animais extintos expostos no local, como se pode analisar a partir do aluno 02 “Fiquei surpresa pois achei que teria animais e outros seres em extinção.” A partir dessa fala pode se entender que alguns alunos ao pensarem em museus arqueológicos, assimilam a paleontologia, sendo importante explicar para os alunos a diferença entre arqueologia e paleontologia.

Todos os alunos/as afirmaram terem gostado da visita e o que mais chamou a atenção foi a variedade de artefatos que formam o acervo do museu, como se pode analisar através das respostas da questão 5, aluno 01 “As armas daquela época. As representações ótimas”. Aluno 02 “Os corpos que foram achados”, aluno 12 “As pinturas rupestres”, aluno 24 “os detalhes da arte”. A partir desses relatos pode-se notar como é rico o acervo do museu MAX e como isso é de grande interesse para o público.

E sobre terem realizados atividades após a visita ao Museu de Arqueologia de Xingó-MAX, os alunos 01, 06, 07, 08, 09, 10 e 12 afirmaram não ter realizado atividades referentes a visita, enquanto os outros realizaram atividades como questionários, redações e atividades avaliativas. O que mostra duas coisas, primeiro uma parte desses alunos não levaram os conhecimentos adquiridos no MAX para serem discutidos em sala de aula, fazendo com que a

visita se caracterize mais como um passeio, e segundo os alunos que realizaram atividades pós visita ao museu fizeram apenas em sala de aula com a mesma turma e professor que estava no museu Max.

Mediante o exposto pode se perceber que as categorias utilizadas na pesquisa enxergam o museu como um espaço de conhecimento e reconhecem a sua importância como ferramenta educativa, principalmente ao se falar de história, porém nessas categorias não ficou nítido um estudo do meio sobre o local que trabalhasse uma ótica do museu além do seu acervo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, a presente pesquisa buscou analisar e discutir a contribuição do Museu de Arqueologia de Xingo- MAX na educação básica do município de Canindé de São Francisco- SE, expondo a função social exercida pelo museu de oferecer projetos de apoio e incentivo a educação. E também, discutindo a relação museu/escola e como ela ocorre no município.

Em um primeiro momento foi analisado através de uma pesquisa bibliográfica como ocorre a relação entre escola e museu, analisando quando ela surgiu e como ela vem se caracterizando no ambiente escolar, principalmente na disciplina de História, para isso foi preciso entender as modalidades educativas, educação formal, informal e não formal e como a escola e o museu se enquadram nessas modalidades.

Em seguida foi realizado uma pesquisa de campo quantitativa no próprio museu MAX, na qual procurou-se entender qual o lugar do museu nessa relação, o que ele oferece educativamente e quantas pessoas tem acesso a essas medidas educativas, para isso, foi analisado a quantidade de escolas e estudantes que realizaram visitas ao MAX entre 2016 e 2022, e também, quais os projetos educativos que o próprio museu promove.

Foi realizado, também, uma pesquisa qualitativa em duas escolas do município de Canindé de São Francisco, na qual, foi aplicado um questionário aos alunos e educadores da educação básica com o objetivo de analisar a visão que essas pessoas possuem sobre o museu e os seus projetos, e sobre como essa relação museu/escola pode ser utilizada em sala de aula.

Através desses processos de pesquisa foi analisado que as duas instituições compreendem a importância uma da outra e da manutenção desse relacionamento para as práticas educativas, sendo necessário que haja compreensão e respeito entre as instituições para que consigam trabalhar juntas. Além de buscarem metodologias que auxiliem na inclusão dessas singularidades, podendo-se trabalhar a educação de uma forma lúdica e interativa.

Portanto, apesar de constatar que o Museu de Arqueologia de Xingó- MAX já realiza um grande trabalho com a educação em parceria com o município, essa pesquisa busca contribuir com a educação trazendo a ideia de incentivarem mais os professores a trabalharem metodologicamente o museu nas escolas, trabalhando não apenas o acervo, mas o museu como todo, destacando a educação patrimonial.

REFERÊNCIAS

SITES

GOHN, M.G. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: avaliação das políticas públicas de educação**, Rio de Janeiro, V.14, p. 27-38, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf>. acesso em: 04 nov. 2022.

JORGE, H. M.; NASCIMENTO, B. C. O uso de museus e memoriais virtuais como ferramenta didática – pedagógica no ensino de história. **Revista Ciência em Evidência**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 46–61, 2021. Disponível em: <https://ojs.ifsp.edu.br/index.php/cienciaevidencia/article/view/1461>. Acesso em: 7 nov. 2022.

Museu de Arqueologia de Xingó. **Guia das artes**, 2015. Disponível em: <<https://www.guiadasartes.com.br/sergipe/caninde-de-sao-francisco/museus/museu-de-arqueologia-de-xingo>>. Acesso em: 11 de nov. de 2022.

Museu de arqueologia de Xingo. **Projeto de Passeio Virtual ao Museu de Arqueologia de Xingó**. 16 set. 2020. Instagram: @museudearqueologiadxingo. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CFMw-C6BvPL/>. Acesso em: 12 nov. 2022.

Museu de Arqueologia de Xingó.TV **Brasil**, 2015. Disponível em: <<https://tvbrasil.ebc.com.br/conhecendomuseus/episodio/museu-de-arqueologia-de-xingo>>. Acesso em: 11 de nov. de 2022.

O MAX. **Universidade Federal de Sergipe**, 2022. Disponível em: <<https://max.ufs.br/pagina/20239>>. Acesso em: 11 de nov. de 2022.

SILVA, Railda Nascimento. [AÇÕES EDUCATIVAS DO MUSEU DE ARQUEOLOGIA DE XINGÓ – O PROCESSO DE EXTROVERSÃO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO DO BAIXO SÃO FRANCISCO ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL].

WhatsApp: Nilton Lucas. 18 ago. 2022. 15:30. 1 mensagem de WhatsApp.

TEIXEIRA, C. A. R. A educação patrimonial no ensino de História. **BIBLOS**, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 199–211, 2008. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/868>. Acesso em: 19 set. 2022.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, A. M.; VASCONCELOS, C. M. Por que visitar museus?. In. BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, pp. 104-116, 2004.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: História**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRUNO, A. Educação formal, não formal e informal: da trilogia aos cruzamentos, dos hibridismos a outros contributos. **Mediações – Revista OnLine da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal**. V. 2, n.º 2, p. 10-25. 2014. Disponível em: <http://mediacoes.esse.ips.pt>. Acesso em: 21 set. 2022.

CHICARELI, L. S.; ROMEIRO, K. C. Museu e ensino de História: pensar o museu como local de conhecimento e aprendizagem. **Revista Confluências Culturais**, v. 3, n. 2, p. 85-93, 2014.

COELHO, E. A. "A relação entre Museu e Escola." *UNISAL, Lorena SP* (2009).

DE FOCESATTO, C. M. A imagem do museu: educação patrimonial na educação básica. **Revista Aedos**, v. 4, n. 11, 2012.

KÖPTCKE, L. S. Observar a experiência museal: uma prática dialógica. **Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz. Museu da Vida. Avaliação e estudos de público de museus e centros de ciência**, p. 5-21, 2003.

LACERDA, V. **Relação museu-escola: uma análise da contribuição dos espaços museais para o ensino de história—Museu Vale/ES**. 2016.

LOPES, M. M. A favor da desescolarização dos museus. **Educação e Sociedade / CEDES**, n 40, P. 443-445, Campinas: Papirus, 1991.

MARANDINO, M. A formação inicial de professores e os museus de Ciências. In: SELLES, Sandra E. e FERREIRA, Márcia S. (Orgs.). **Formação docente em Ciências: memórias e práticas**. (p. 59–76). Rio de Janeiro: EdUFF, 2003.

_____. Faz sentido ainda propor a separação entre os termos educação formal, não formal e informal?. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 23, p. 811-816, 2017.

_____. Interfaces na relação museu-escola. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 18, n. 1, p. 85-100, 2001.

MARIA, F. G. dos S. **O ensino de História em ambientes não-formais: o museu como ambiente educativo**. 2019.

MARQUES, J. P. Educação patrimonial e ensino da história local na educação básica. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 1-11, 2021.

OLIVEIRA, G. C. da G. de et al. Visitas guiadas ao Museu Nacional: interações e impressões de estudantes da Educação Básica. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 20, p. 227-242, 2014.

ORIÁ, R. Memória e ensino de História. In. BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, pp. 128-148, 2004.

REIS, B. S. S. **Expectativas dos professores que visitam o Museu da Vida**. 2005. 106f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal Fluminense, 2005.

SANTOS, H.; MENDONÇA, E. Documentar e Musealizar: Proposta para o Patrimônio Arqueológico do Museu de Arqueologia de Xingó. **Scientia Plena**. Vol. 8, n. 12, 2012.

SANTOS, M. C. M. Museu e educação: conceitos e métodos. **Encontros museológicos: Reflexões sobre a museologia, a educação e o museu.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

VIEIRA, V; BIANCONI, M. L; DIAS, M. Espaços não-formais de ensino e o currículo de ciências. **Ciência e Cultura**, v. 57, n. 4, p. 21-23, 2005.

XINGÓ, Museu de Arqueologia. Plano museológico. **Sergipe: Universidade Federal de Sergipe**, 2022.

ANEXO A- EXPOSIÇÕES PERMANENTES NO MUSEU DE ARQUEOLOGIA DE XINGO-MAX

I. Imagem IV– Sala de material cerâmico



Fonte: Acervo Pessoal

II. Imagem V- Sala de material de sepultamento



Fonte: Acervo Pessoal

III. Imagem VI – Sala de material Lítico



Fonte: Acervo Pessoal

ANEXO B- EXPOSIÇÕES ITINERANTES DESENVOLVIDAS PELO MUSEU DE ARQUEOLOGIA DE XINGO- MAX

I. Imagem VII – Exposição itinerante do Museu Max na Associação de desenvolvimento Comunitário de Curitiba Presidente José Alves de Aragão entre os dias 14 a 19 de dez. de 2016



Fonte: Acervo do Museu de Arqueologia de Xingo- MAX

II. Imagem VIII — Exposição itinerante do Museu Max na Associação de desenvolvimento Comunitário de Curitiba Presidente José Alves de Aragão entre os dias 14 a 19 de dez. de 2016



Fonte: Acervo do Museu de Arqueologia de Xingo- MAX